

UMA LEITURA DE *BAILARINA*

Após presenciar a performance *Bailarina*, de Luana Aguiar, veio-me subitamente o desejo de escrever. Confesso não saber definir ao certo que tipo de texto é este que repentinamente ganha vida. Estas linhas não pretendem ganhar o *status* de crítica, até porque não é este o terreno em que piso com pés seguros. Venho da literatura e, se tenho o “aval” para redigir algo que se quer crítica, indubitavelmente esta escrita seria *sobre a literatura*. Também não posso afirmar que este seja um texto literário: uma crônica? Creio que não. Impressões... Talvez. Pretendo externar aqui as minhas impressões diante da contemplação de uma obra de arte. Obviamente, não seria estranho pensar que, após ver *Bailarina*, lembrei-me de alguns textos, dentre eles “A passante”, de Charles Baudelaire e “A mulher que passa”, de Vinícius de Moraes.

O cenário: o pátio da piscina, Parque Lage. A cena: uma imagem feminina em movimento, passando entre as pessoas. A primeira volta é dada. Barulho de pessoas a conversar. Ela sai de cena. Novamente a entrada. Mudança nos olhares, que param, estupefatos, diante de seu vestido branco, o corpo que convida o olhar. Mais uma vez ela passa e, agora, dança. O jogo de esconder e mostrar, proposto por sua vestimenta, que é silêncio e também palavra.

Lembro-me de “A passante” de Baudelaire: a paixão que dura o tempo de um olhar. Apenas alguns segundos. O eu-lírico descreve ao leitor a paixão provocada por um olhar que o encontra na rua e logo se despede. “A doçura que encanta e o prazer que assassina”. Um olhar que é “brilho” e logo depois “noite”: “fugitiva beleza”. Veio-me à memória também “A mulher que passa”, de Vinícius. Um pouco mais “exclamativo”, passional, mas não menos verdadeiro que em Baudelaire, o eu-lírico do poema de Vinícius expõe-nos o seu desejo desesperado: “Meu Deus, eu quero a mulher que passa!”. Ele clama por sua volta, revela-nos a sua ânsia. Ela é, em sua visão, aquela que “sacia”, mas também “falta” e “suplicia”; que é “pura” e também “devassa”.

Bailarina poderia ser—por que não?—a releitura performática da imagem poética da “mulher que passa”. Mas ela vai um pouco além: passa por nós e para. Convida-nos ao olhar. E...retorna. Com sua dança: dança-silêncio, mas dança-linguagem. Provoca o espectador: faz-lhe querer mais. Deixa em suspenso: quantas vezes irá voltar? Sua presença não é tão fugidia. Ela permanece, insiste, exhibe, convoca. E após sua presença avassaladora, após sua dança que evolui num crescente, ela finalmente *passa*, através das cortinas. Desaparece sem se despedir. Segue um caminho próprio, definitivo. A passos firmes, decididos, ela enfim *passa*.

ANEXOS:

A MULHER QUE PASSA

Rio de Janeiro , 1938

Meu Deus, eu quero a mulher que passa.
Seu dorso frio é um campo de lírios
Tem sete cores nos seus cabelos
Sete esperanças na boca fresca!

Oh! como és linda, mulher que passas
Que me sacias e suplicas
Dentro das noites, dentro dos dias!

Teus sentimentos são poesia
Teus sofrimentos, melancolia.
Teus pelos leves são relva boa
Fresca e macia.
Teus belos braços são cisnes mansos
Longe das vozes da ventania.

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!

Como te adoro, mulher que passas
Que vens e passas, que me sacias
Dentro das noites, dentro dos dias!
Por que me faltas, se te procuro?
Por que me odeias quando te juro
Que te perdia se me encontravas
E me encontrava se te perdias?

Por que não voltas, mulher que passas?
Por que não enches a minha vida?
Por que não voltas, mulher querida
Sempre perdida, nunca encontrada?

Por que não voltas à minha vida?
Para o que sofro não ser desgraça?

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!
Eu quero-a agora, sem mais demora
A minha amada mulher que passa!

No santo nome do teu martírio
Do teu martírio que nunca cessa
Meu Deus, eu quero, quero depressa
A minha amada mulher que passa!

Que fica e passa, que pacífica
Que é tanto pura como devassa
Que boia leve como a cortiça
E tem raízes como a fumaça.

(Vinícius de Moraes)

A UMA PASSANTE

A rua, em torno, era ensurdecadora vaia.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão vaidosa
Erguendo e balançando a barra alva da saia;

Pernas de estátua, era fidalga, ágil e fina.
Eu bebia, como um basbaque extravagante,
No tempestuoso céu do seu olhar distante,
A doçura que encanta e o prazer que assassina.

Brilho... e a noite depois! - Fugitiva beldade
De um olhar que me fez nascer segunda vez,

Não mais te hei de rever senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!

Pois não sabes de mim, não sei que fim levaste,

Tu que eu teria amado, ó tu que o adivinhaste!

Charles Baudelaire